Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A COISA FREUDIANA OU O SENTIDO DE RETORNO A FREUD EM PSICANÁLISE - LEITURA E COMENTÁRIO

Gabriela Zasatzki Silveira – gabrielazsilveira@gmail.com

Resumo: Passados dezesseis anos da morte de Freud, Lacan é convidado a proferir uma conferência em Viena, cuja versão ampliada foi publicada na coletânea de textos dos Escritos, com o título: “A coisa freudiana ou Sentido de retorno à Freud em psicanálise”. Nessa publicação, acompanhamos o relato de uma série de desvios e distorções do estatuto da obra freudiana, cujas consequências impactaram consideravelmente o fazer analítico – os analistas tendo passado da função de condutores das boas palavras ao lugar de administradores de almas. Assim, Lacan intenta, sobretudo, um exercício de reorientação de dois dos principais eixos epistêmicos – o sujeito do inconsciente e a instância do Eu – a partir da verdade da experiência analítica descoberta por Freud. Desse modo, Lacan realiza uma convocação contundente aos analistas a se contraporem ao exercício de poder e coerção pelo qual enveredara a prática psicanalítica.

Palavras-chave: retorno a Freud, verdade, sujeito do inconsciente, análise das resistências.

São Paulo
2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

THE FREUDIEN THING OR THE MEANING OF THE RETURN TO FREUD IN PSYCHOANALYSIS – READING AND COMMENTARY

Gabriela Zasatzki Silveira – gabrielazsilveira@gmail.com

Abstract: Sixteen years after Freud's death, Lacan was invited to give a lecture in Vienna, an expanded version of which was published in the collection of texts from “Écrits”, under the title: “The Freudian Thing or The Sense of Returning to Freud in Psychoanalysis”. In this publication, we follow the account of a series of deviations and distortions of the status of Freud's work, the consequences of which had a considerable impact on the analytical process - analysts had passed from the function of conductors of good words to that of soul’s managers. In this way, Lacan attempts, above all, to reorient two of the main epistemic axes - the subject of the unconscious and the instance of the “Ego” - according to the truth of the analytical experience discovered by Freud. In this manner, Lacan makes a forceful call to analysts to oppose the exercise of power and coercion that psychoanalytic practice has undergone.

Keywords: return to Freud, truth, subject of the unconscious, analysis of resistances.

São Paulo
2024

“E o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” (Rosa, 2021, p. 372)

“É essa a graça que lhes auguro, é de falar dela que se trata agora, e a palavra cabe àqueles que põem a coisa em prática.” (Lacan, 1998, p. 421)

Passados dezesseis anos da morte de Freud, Lacan chega ao lugar eterno da descoberta freudiana para proferir uma conferência na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena, a convite do Prof. Hoff. Entre o público presente, os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, e também do Instituto Francês em Viena. O texto publicado nos “Escritos” e que, hoje, é o objeto de nosso encontro é a ampliação dessa conferência, intitulada *“A Coisa Freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise”*, na qual Lacan é eloquente no exercício de recondução da experiência psicanalítica – proposta baseada nos mesmos moldes da reviravolta causada pela teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico.

No lugar onde tudo começou, de estimada memória ao campo analítico, deu lugar à fala em que Lacan trouxe à tona aspectos relevantemente esquecidos, dentre outros motivos, devido ao vago senso da História por parte dos psicanalistas. Contudo, as contingências do destino da obra freudiana extrapolaram as divergências internas ao próprio campo. A verdade é que a história da psicanálise é entremeada por dois dos grandes conflitos mundiais. No primeiro deles, o burburinho causado pela psicanálise foi abafado e ensurdecido pelo som de seus desmoronamentos. Já na segunda grande guerra, a retomada da difusão da psicanálise é concomitante à imensa dilaceração humana, em sua versão ainda mais implacável:

> “Sinal de alarme de ódio e tumulto da discórdia, sopro aterrador da guerra, foi em suas batidas que nos chegou a voz de Freud, enquanto víamos passar a diáspora dos que eram seus portadores e a quem a perseguição não visava por acaso.” (Lacan, 1998, p. 403)

Diáspora[1], na qual, dentre os refugiados, encontravam-se psicanalistas europeus em busca de exílio nos Estados Unidos da América do Norte, berço da cultura do a-historicismo. Lacan intenta aqui retraçar a situação do tempo e lugar, de maneira a caminhar na contramão dessa intimação categórica de recusa da História.

Nesse sentido, Lacan aponta para a importância de que as próximas gerações de clínicos sejam iniciadas não apenas nos métodos do linguista e do matemático, mas também do historiador, de modo a resgatar o sentido e o motor da experiência freudiana.

Entretanto, como a disciplina cuja função supõe a história em seu princípio, já que se ocupa de restaurar a ponte que une a modernidade aos mitos antigos, teria sido recebida em solo estadunidense? Sabemos que nem sempre a peste, assim como a verdade e as lembranças desagradáveis podem ter um lugar. Talvez, possamos dizer que Freud não sabia que o rechaço à peste, seria bem mais contundente do que seu anúncio, capaz de despertar até Nêmesis, deusa da vingança e da retaliação. Se a peste não conseguiu se instalar, o que se passou então com a psicanálise nos Estados Unidos? É também disso que se trata esse texto, onde podemos acompanhar toda uma série de distorções no estatuto da obra freudiana, cujas consequências impactaram consideravelmente o fazer analítico.

Porém, Lacan não atribuiu responsabilidade apenas aos que partiram. Ele a compartilha, “pois a Europa parece haver apagado da preocupação e do estilo, senão da memória, aqueles que dela saíram, com o recalque das lembranças desagradáveis.” (Lacan, 1998, p. 404)

Deste modo, Lacan situa esse esquecimento e apagamento como causa, causa de um projeto de retorno a Freud, como já havia sido iniciado na Sociedade Francesa de Psicanálise:

> “Não é de um retorno do recalcado que se trata para nós, mas de nos apoiarmos na antítese constituída pela fase percorrida desde a morte de Freud no movimento psicanalítico, para demonstrar o que a psicanálise não é e, junto com vocês, buscar o meio de recolocar em vigor aquilo que não cessou de sustentá-la em seu próprio desvio, ou seja, o sentido primeiro que Freud preservava nela por sua simples presença, e que se trata aqui de explicitar.” (Lacan, 1998, p. 404)

Ainda que a presença de Freud, de certo modo, assegurasse um lastro à experiência analítica, a psicanálise sofria desvios mesmo antes de 1939. Desvios esses conhecidos por fazer com que a prática chegasse a um ponto morto, por volta da década de vinte: “a partir de então eles [os analistas] sabiam demais e não

sabiam o bastante da verdade para fazer com que seus pacientes, que não a conheciam menos, a reconhecessem.” (Lacan, 1998, p. 420)

Contudo, os psicanalistas foram atingidos pela maldição prometida às ousadias titânicas, cuja animação exaltada impossibilitava sua escuta, passando da função de condutores de boas palavras ao lugar de administradores de almas. Entretanto, como ocorreu essa passagem, a de que esses analistas haviam ficado demasiadamente sabidos? Ou ainda, de qual saber se trataria, já que esse se impunha como dicotômico à verdade?

De fato, se a descoberta de Freud questiona a verdade, não há ninguém que passe incólume a ela. Entretanto, podemos dizer que a verdade presente na boca de Freud teria passado a uma posição análoga à da peste, suscitando rechaço e esquiva de parte dos psicanalistas. Fato é que a verdade também possui a capacidade de mobilizar seus adversários, ainda que seja uma verdade referenciada no saber textual do testamento freudiano.

“Em quê, de fato, seria o inconsciente mais digno de ser reconhecido do que as defesas que a ele se opõem no sujeito, com um sucesso que as faz parecerem não menos reais?” (Lacan, 1998, p.406) – esse é o primeiro questionamento trazido por Lacan sobre a confusão conceitual vigente naquele tempo.

Mas, se por um lado, os analistas mostravam-se confusos quanto aos fundamentos da psicanálise, como no exemplo de tomar o inconsciente pela função de defesa; eles também teriam passado a se verem excessivamente confiantes, sobretudo a partir do estabelecimento de uma técnica cujo domínio lhes pertencia inteiramente. Em nome do gosto pela ordem e amor ao belo, surge um tratamento denominado “análise das resistências”, o qual consiste em manobras reducionistas cujo impacto é coercitivo e no qual se desconhece a dialética que rege o sujeito não apenas como observado, mas também como observador. Técnica que teria recebido o status de prestigiosa por ter feito a psicanálise ingressar no catálogo das psicologias gerais.

Contudo, o edifício freudiano foi fundado e é sustentado sob outras bases. Assim, mesmo que se reconheça os impasses causados pelo recalque dos analistas e que estejamos advertidos quanto aos problemas de tradução envolvidos na obra

freudiana, trata-se aqui de outra coisa, de um mecanismo de desconhecimento sistemático, o qual se assemelha ao delírio, do fato puro e radical de nunca terem querido saber coisa alguma da descoberta freudiana.

Pois uma coisa temos como certa: Freud não inscreveu a psicanálise em um conjunto formalista de regras inalteráveis, oriundas do acaso e justificáveis em si mesmas. Bem ao contrário, a experiência freudiana dá lugar, até hoje, a descobertas que não se esgotam – já que ultrapassa as vias que se encarregou de abrir, (Lacan, 1998, p. 405) abertura capaz de diversos caminhos entre os campos da criação, de modo a surpreender incessantemente mesmo os clínicos-pesquisadores mais experimentados.

Contudo, a experiência analítica estaria se enveredando em direção à verdade de miragem que se reduziria à miragem da consciência. Ou seja, mirava-se na verdade a despeito dela própria. É verdadeiro dizer que a verdade nunca se apresenta como na figura de uma jovem tão bela, como no momento em que a luz erguida por seu braço, surpreende-a nua. E não caberia atribuirmos isso a uma espécie de cegueira humana, pois não poderíamos encontrá-la aí; não podemos esperar que a verdade apareça em um espaço estruturado pelo campo da visão. Se a descoberta freudiana nos trouxe a verdade de que há o verdadeiro, é sobretudo, que a verdade, ela fala. E ainda que fale, não há garantias que seja reconhecida, mesmo que já tenha sido admitida antes.

A insistência na verdade encontra-se justificada, pois ela está sempre a postos para escapulir novamente. Que ela fale, é majoritariamente através de artifícios de linguagem, seja através de mitos, apólogos, alegorias, anedotas, prosopopeias, na aposta incessante de cernir o movimento da verdade fugidia, que pode verter-se em inúmeras formas. Deste modo, com Freud, a verdade passaria do campo do visão para a fala e a linguagem; muito mais do que vê-la, poderíamos escutá-la. Se “não há fala senão de linguagem” (Lacan, 1998, p. 413), podemos também afirmar que nem tudo é linguagem.

Entretanto, o acento clínico dado na modalidade da análise das resistências demonstra o desconhecimento da matéria que se trata, pois a primeira resistência com que o analista tem de lidar invariavelmente é aquela inerente ao discurso. Se o

sujeito é atravessado pela verdade através do que fala, a resistência não se mostra ausente, pelo contrário tem o status de uma trabalhadora incansável. Assim, a crítica dirigida à análise das resistências é que, mais do que qualquer outra coisa, ela acabaria mobilizando as próprias defesas. “Irá nossa ação, portanto, recalcar a própria verdade que traz em seu exercício?” (Lacan, 1998, p. 434)

A análise das resistências é o movimento que denuncia – sem que o saibam – a resistência à peste freudiana, o que não deixa de impressionar Lacan pela amplitude conivente também alcançada na consciência comum.

Todavia, ainda que os analistas da resistência desejassem, a verdade não fala sob o domínio do eu. Que o eu não possa ser tomado por uma coisa, ele também não pode responder pela verdade da experiência psicanalítica. Uma das grandes questões levantadas pelo texto é que a análise das resistências caracterizaria que a experiência de análise fosse correlata ao eu do analista.

Lacan evoca o mito de Actáion para tratar do abandono sofrido por Freud, cujos cães despistados o deixaram logo de saída. O mito de Diana e Actáion é encontrado na obra Metamorfoses, de Ovídio. O conto narra o destino infeliz de Actáion, um jovem caçador, neto de Cadmo, e seu encontro com Diana, nome romano da deusa Ártemis, deusa da caça e reconhecida por sua castidade. No fatídico episódio, a deusa está nua e desfruta de um banho, com a ajuda de sua escolta de ninfas, quando Actáion a encontra por acaso. As ninfas gritam de surpresa e tentam esconder Diana, mas essa espirra água em Actáion, em um ataque de envergonhada fúria. Desse modo, ele passa a ficar irreconhecível, pois logo é transformado em um cervo com couro manchado, chifres longos e perde sua capacidade de falar. Em seguida, durante sua fuga amedrontada, seus cães o encontram e o matam, deixando de reconhecer seu próprio mestre. A história se tornou muito popular durante o período do Renascimento, a cena mais representada foi a de Actáion surpreendendo Diana, porém sua transformação e morte também foram retratadas inúmeras vezes.

Retomando assim a metáfora mais grave, Freud teria recomeçado sozinho a busca pela deusa e a leva até o limite desse encontro. Minha leitura da referência ao mito caminha na direção de que os discípulos freudianos teriam recuado, deixado de

acompanhá-lo rumo aos desfiladeiros íngremes da busca pela verdade; e ao se reencontrarem novamente não teriam acusado o reconhecimento de seu mestre, pois ali já havia outro, alguém que teria experimentado uma posição desagregadora e disjuntiva do eu. Sua própria busca, a que somente a paixão pela deusa o conduziu, teria evidenciado que a verdade localiza-se em outro lugar, para além de si próprio.

> "Esse limite e esse lugar, como se sabe, ainda estão longe de ser atingidos por seus discípulos, se é que eles não se recusam a segui-lo, donde o Actáion aqui despedaçado não é Freud e sim cada analista, conforme a paixão que o inflamou e que fez dele, a presa dos cães de seus pensamentos." (Lacan, 1998, p. 413)

É interessante reconhecer que a morte de Actáion não decorre do encontro com a deusa, mas do consequente dilaceramento que resulta no não-reconhecimento de seus próprios cães. Sobre o encontro com Diana, destaco um dos trechos mais enigmáticos e instigantes do texto:

> "E o leva tão longe que ele só consegue deter-se nas grutas em que Diana ctônia, na sombra úmida que as confunde com o abrigo emblemático da verdade, oferece à sua sede, com o lençol d'água uniforme da morte, o limite quase místico do discurso mais racional que já houve no mundo, para que nele reconheçamos o lugar onde o símbolo substitui a morte para se apoderar da primeira intumescência da vida." (Lacan, 1998, p. 413)

Avançando um tanto nas elaborações de Lacan, que situa a avaliação desse dilaceramento na tentativa de reuni-los ao início da caçada, com as palavras: "Eu falo", as quais ele acrescenta depois: "Não há fala senão de linguagem". O que me chamou muito a atenção através da evocação desse mito é de que um certo grau de dilaceramento é inerente à tomar a palavra:

> "Pois muito bem, tudo isso se constata quanto ao eu, exceto que seus usos afiguram-se invertidos em sua relação com os estados dele. Meio da fala dirigida a vocês pelo inconsciente do sujeito, e arma para resistir ao reconhecimento deste, é despedaçado que ele toma a palavra, e é inteiro que ele se presta a não ouvir. Com efeito, é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significante de seus sintomas. E é do tipo de interesse que nele desperta o eu que provêm as significações que dele desviam seu discurso." (Lacan, 1998, p.428)

Pois, o mito de Actáion ilustra que o analista também sofre dos efeitos de despedaçamento oriundos da relação com a linguagem. O sujeito da psicanálise é correlato de sua incompletude narcísica, de sua divisão constitutiva entre o eu e o inconsciente.

Contudo, podemos dizer que a resistência dos analisantes aos analistas da resistência comprovaria dignidade ao estatuto do inconsciente. Paradoxalmente, sob os desatinos comandados pela análise das resistências, o sujeito nada mais poderia fazer a não ser resistir; resistir à coerção de um tratamento que não se ocupa do saber inconsciente: fragmentado, incompleto, lacunar. Assim, que a resistência analisante seja tomada como signo de um impasse técnico e ético, de modo a reorientar todo o edifício teórico psicanalítico.

O esforço de retorno ao sentido de Freud também contempla a distinção de conceitos cruciais para o campo: defesa e resistência, verdade e realidade, coisa e objeto, linguagem e signo, simbólico e imaginário, sujeito do inconsciente e o eu. Assim, Lacan vai desenhando a tentativa de dar contorno às disputas acirradas do campo epistêmico, colocando em pauta acusações e protestos que foram imputados a ambos os lados.

Um dos “adversários” acusou os psicanalistas de se entregarem à filosofia de Platão e Hegel, disciplina à qual não deveriam se curvar. Acusação à qual Lacan sobrescreve, pois se Freud possuía seus interlocutores, Lacan também não pensava isoladamente. Assim, nesse projeto de retorno ao sentido freudiano, Lacan traz os filósofos para perto, principalmente Hegel, a fim de sustentar consigo a epistemologia psicanalítica; pois o corpo teórico não é fruto de mero acaso e de rígidos formalismos, tampouco de pensamento mágico.

Seguindo com seu estilo peculiar de ironia, aponta que se os analistas estivessem referenciados à estrutura geral da semântica, convencidos de que é dali que a experiência analítica extrai suas raízes, não seria necessário vencê-los. (Lacan, 1998, p. 417) Levando também a cabo a orientação de que os analistas se iniciassem no método do linguista, Lacan introduz conceitos contemporâneos da linguística estrutural na experiência analítica, principalmente por meio de duas redes que relacionam o significante e o significado, através da sincronia e da diacronia.

A primeira rede, a do significante, é a estrutura sincrônica do material da linguagem, na medida em que cada elemento adquire uma posição de diferenciação com todos os demais. Também podemos situar aqui, as leis da rememoração e do reconhecimento simbólico, ordenados por significantes, através de sequências ternárias que intercalam presença e ausência, escolhidos ao acaso e que fazem surgir leis sintáticas que impõem a cada um de seus termos exclusões de possibilidades, até que sejam suspensas as compensações que seus antecedentes exigem.

A segunda rede, a do significado, é o conjunto diacrônico dos discursos concretamente proferidos, que reage historicamente à sincronia. Podemos localizar aqui as leis da reminiscência imaginária, isto é, do eco do sentimento ou do sinete instintivo, mesmo que os elementos que ordenam as primeiras como significantes sejam retirados do material a que as segundas dão significação.

A interlocução com a linguística também caminha no sentido de acrescer substrato teórico através da interlocução com as ciências conjecturais, de maneira a afastar alguns dos desvios vigentes daquele tempo. Por exemplo, a linguística trouxe elementos contundentes para refutar a concepção de apreensão objetiva da realidade, pois, uma unidade de significação revela jamais resumir-se numa indicação pura do real, mas sempre remeter a uma outra significação. Se a significação só se realiza a partir de uma captação global das coisas, é porque a rede do significado reage de maneira interdependente à rede do significante, não sendo possível dissociá-la uma da outra. (Lacan, 1998, p. 415)

Em termos psicanalíticos, para que um objeto exista, é preciso que ele passe ao nível discursivo, que dele se fale, que ele seja falado. Pouco importa que se trate do nariz de Cleópatra ou do próprio nariz, sempre mal discernido na imagem especular, o trabalho do analista sempre deve ser que Isso fale, e que fale com palavras próprias, por mais ambíguo que Isso possa parecer.

Que o analisante, mas sobretudo o analista possa tomar um gesto do analisante da mesma forma que um sonho, que possa dele falar, já que é somente pelo discurso que contamos com a dimensão da equivocidade, ou seja, é pelo

discurso que um gesto pode se “dessencializar”, passando ao nível da articulação, ganhando abertura ao campo do significante.

Lacan retoma o aforismo freudiano no esforço de relembrar a premissa fundamental negligenciada pelos analistas, o qual distingue fundamentalmente o verdadeiro sujeito do inconsciente, na medida em que é separado por um abismo das funções pré-conscientes. Fez-se necessário contrapor duas das traduções possíveis para *“Wo Es war soll Ich werden”*, onde podemos tomá-la como “*Lá onde isso era, o eu deve ser”*, onde o eu, constituído em seu núcleo como uma série de identificações alienantes, ganha status de substantivo. Outra possibilidade de tradução, muito mais interessante aos ouvidos de Lacan, seria “*Ali onde isso era ou ali onde se era*” “*é meu dever que eu venha a ser*”, com a ênfase particular da exclusão do artigo objetivante *“das”*, tanto no *“Es”* quanto no *“Ich”*.

O eu tomado como um “lugar de ser” vai ao encontro das palavras de Riobaldo, sob a pena de Guimarães Rosa – *“ficar sendo”*, o qual resguarda um caráter indeterminado como modo de subjetividade absoluta, tal como Freud a descobriu, – o qual permite na língua francesa a produção de um verbo neológico – *“s’être”*, ou seja, *“ser-se”*.

Diante do panorama analítico, sobretudo a partir do lugar central ocupado pelo eu na análise das resistências, tornou-se necessário reposicioná-lo, a partir da segunda tópica freudiana. Essa é a reviravolta intencionada *à la Copérnico*, devolver o estatuto do inconsciente através da fala, da qual a transferência é a sua atualização enigmática, porém sem que volte para o lado do misticismo kármico.

A linguagem do eu é reduzida em inspiração intuitiva, ao preceito recoleto[2], à agressividade retaliatória do eco verbal, assim como ao repisamento educativo e o estribilho delirante. É nesse registro, no entanto, que se profere a análise sistemática da defesa. Ela é corroborada por simulacros, semblantes de regressão. (Lacan, 1998, p. 430)

Denota-se a necessidade de desmontar assim o lugar do eu como um fetiche operacional. Pois, sabe-se que uma análise que centraliza o trabalho no eu acaba invariavelmente retornando “ao princípio reacionário que recobre a dualidade

daquele que sofre e daquele que cura pela oposição entre aquele que sabe e aquele que ignora.” (Lacan, 1998, p. 404)

É a fala do analisante que dilacera a unidade do eu do analista, e é também por isso que os ouvidos foram aos poucos ficando moucos, já que “nunca se é tão bem servido quanto por si mesmo”. (Lacan, 1998, p. 410)

Ainda que a experiência analítica não seja determinável *a priori*, também não quer dizer que ela seja desregulada, pois é submetida à lei própria à linguagem. A coisa pressupõe um ordenamento próprio, através do que ela exclui. Se a desordem é evidenciada no campo mais fechado do ser real, ou seja, na pseudototalidade do organismo, é a linguagem que bota ordem nas coisas, ordenamento inerente à lei simbólica, regulamento no qual é estruturado o funcionamento do inconsciente. Há muitas referências às funções simbólicas no texto: o notário, o legatário, o herdeiro, são todas relações mediadas pela lei, ou seja, onde há uma referência que remete a um Outro. Nunca me esqueci de uma frase ouvida por um querido professor: o mundo simbólico é um mundo onde se faz fila.

A questão que se faz presente nos meandros do texto é sobre o apoio que o trabalho da análise das resistências encontrou na função do eu, o que fez com que a ação analítica estivesse referenciada à estrutura dialética do senhor e do escravo, onde se reconhece a emergência simbólica da luta de morte imaginária. Ou seja, o que tornaria um tratamento analítico inviável do ponto de vista técnico é quando ele está apoiado sob o eixo do imaginário a – a’, pois aí, não tem lugar para “tu e eu”, seria sempre “tu ou eu”, mecanismo inerente à rivalidade, e também à guerra. O que caracteriza a relação de exclusão dual de eu a eu é que não ocorre uma harmônica distribuição dos papéis entre notário e notariado, por exemplo.

Contudo, na cena analítica não há apenas dois sujeitos presentes. Cada um deles está provido de dois objetos, que são o eu e o outro, tendo esse outro o índice de um *a* minúsculo inicial. Todavia, em razão das singularidades de uma matemática dialética com a qual nos será exigido familiaridade, a reunião deles no par de sujeitos *S* e *A* conta, ao todo, com apenas quatro termos, em razão de que a relação de exclusão que opera entre *a* e *a*’, reduz os dois pares assim notados a um só no confronto dos sujeitos. Assim, nessa partida a quatro, o analista introduz ele mesmo

o sinal de exclusão que conota o ou – ou então da presença ou da ausência, que destaca formalmente a morte incluída na *Bildung* narcísica. Isso quer dizer que o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, morte do índice do *a* minúsculo, ali onde ele ocupa a posição de Outro. Em ambos os casos e sob as perspectivas do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte (Lacan, 1998, p. 431), fazendo restar apenas três elementos na partida analítica.

Assim, o que habilita o analista na distinção de ação entre os registros simbólico e imaginário é a diferença radical entre o Outro e o pequeno outro, ou seja, é ao Outro a quem sua fala deve endereçar-se, a fim de "que a estrutura significante do sintoma seja demonstrada. Decifrada, ela é patente e mostra, impressa na carne, a onipotência que tem para o ser humano a função simbólica." (Lacan, 1998, p. 416)

E o que se passa quando o analista, inadvertidamente, não toma em conta a presença do Outro na cena analítica? A análise de um sujeito não pode se encaminhar rumo ao júbilo identificatório do *infans*, à unidade de seu ser, notariado através do analista, que assente: "És isso, outro de mim mesmo". Lacan demonstra descrença que as coisas tenham chego a esse ponto, enfatizando sua perplexidade diante da tranquilidade e acolhimento com os quais, autores considerados sérios, contavam ao apresentar a prerrogativa de que o final de análise seria obtido mediante a identificação com o eu do analista. Mas afinal, não poderiam ser tratados como incoerentes, já que o tratamento buscava se aliançar com a parte sadia do eu, sendo essa justamente aquela que assentia à mesma ótica que o próprio analista.

Desse modo, o que entrou em cena no jogo analítico é o exercício de um poder cujas premissas de adaptação e adequação à realidade (podendo essas responder pelo eu do analista) direcionavam a cura.

Assim, o retorno ao sentido de Freud é também organizar novamente a casa onde o eu não é o senhor. O cerne da ação é que os ouvidos analíticos estejam à altura dessa coisa que fala conosco ou, que fala em nós, tarefa profícua, porém muito exigente devido a uma série de razões, entre elas: porque justamente a coisa se esquiva por trás de um discurso que, em sua aparência não diz nada, servindo apenas para que continuemos falando.

Lacan propõe então combater o belicismo no intramuros da psicanálise, oriundo da primazia do trabalho com o eixo imaginário e de sua ineficiência contumaz. Podemos conjecturar também que diante de tamanhas incertezas, não era das épocas mais propícias para consentir ao caráter disjuntivo oriundo da pena freudiana. E quanto mais a situação política, econômica e social se complexificava, mais sedutora se tornava a ideia de um eu que triunfasse sobre a divisão constitutiva.

O interesse pelo eu é paixão antiquíssima, matéria cujos historiadores teriam muito trabalho a investigar. Todavia, apenas a psicanálise reuniu o que alguns chamariam de amor próprio na relação de proximidade com a imagem do corpo, constantemente representada por seu semelhante. Aqui temos a contribuição lacaniana para a teoria do narcisismo – o *estádio do espelho*.

Pois, se é na ponta do nariz que podemos localizar o começo do mundo, faz-se necessário passar pela mesma intermediação da apreensão do próprio desejo, ou seja, através de um espelho. Porém, o que pode ser visto implica em uma outra dimensão da temporalidade, tal como observa muito bem o poeta pensante, que o espelho deveria refletir um pouco mais antes de nos devolver a imagem. Porque até esse momento, o sujeito nada viu ainda.

O que é especialmente interessante em torno dessa elaboração é como ela é capaz de ilustrar a relação de dependência com o semelhante, de modo que os objetos do desejo sejam vislumbrados através do intermédio do desejo do outro. Desse modo, a imagem refletida no espelho re-une as partes de um corpo em uma forma total, na qual se integra também o reflexo do nariz, sob a batuta de um semelhante que ocupe a função de notário, de maneira a sancionar que a imagem especular, pertence ao pequenino dono do nariz em questão. De modo que se tudo mais – mãos, pés, coração, boca e até os olhos, se recuse a segui-lo, surge uma ameaça de ruptura da atrelagem, cujo anúncio angustiado só pode acarretar em providências rigorosas. A palavra de ordem passa a ser: Toque de reunir! (Lacan, 1998, p. 429)

A função do notário seria de assegurar que a imagem refletida no espelho, pertence a aquele pequeno sujeitinho, a aquele outro-dele-mesmo. O efeito de

verdade dessa mensagem está em anunciar “a tu cabes outra imagem, outra imagem além da minha”. Relembro aqui uma questão de máxima relevância de um analisante: “Quem é que diz o que a gente é?”

Porém, a questão que se impõe é que o reflexo do próprio nariz é sempre mal discernido, ainda que bem no meio da face; mal discernido porque necessita de um artifício especular, que realiza a união sagrada da direita com a esquerda, por mais invertida que se afigure caso o sujeito se mostrar um pouco mais atento a ela. (Lacan, 1998, 429)

A relação de dependência se evidencia porque o nariz precisa ser sancionado por um notário – ou um pequeno outro que esteja com suas obrigações em dia para com a câmara sindical – para ser próprio, ainda que isso implique que seja reconhecido apenas através do que o sujeito tem acesso, ou seja, sua própria imagem.

Nesse ponto podemos precisar a gênese das funções de dominação, impropriamente chamadas de funções de síntese do eu, que instauram sobre uma base de alienação libidinal o princípio paranoico do conhecimento humano, segundo o qual os objetos são submetidos a uma lei de duplicação imaginária. Pois, de fato, qual modelo haveria de ser mais belo do que a própria imagem do outro?

Porém, as manobras de cumplicidade dual cujos esforços giram em torno dos ideais de felicidade e sucesso não são eficazes. Nem sempre o paciente pode suportar ser o paciente ideal em um tratamento tão desorientado em sua prática quanto em seus princípios. Deste modo, Lacan elenca três possíveis consequências da análise sistemática da defesa:

> “o *acting out*, ou o salto impulsivo para o real através do aro de papel da fantasia, mais comum no sentido de sinal contrário a sugestão, a hipomania transitória por ejeção do próprio objeto, apropriadamente descrita na embriaguez megalomaníaca que Michael Balint sob uma pena tão verídica reconhece como indício do término de tratamento dentro das normas atuais, ou mesmo em uma espécie de somatização caraterizada pela hipocondria *a mínima*, timidamente teorizada sob a rubrica de relação médico-paciente.” (Lacan, 1998, p. 430)

Se o psicanalista não fala diretamente com o eu, sua ação prática interpela o sujeito de forma oblíqua, de modo a favorecer a assunção de sua verdade. Para o analista "*Deus mora nos detalhes*", ou seja "nas arestas da fala", já que falamos sendo falados pelo Isso, ou seja, o Isso fala em nós.

Poderíamos propor aqui um outro desdobramento ao aforisma freudiano: *"Lá aonde vocês falam ao eu, que a Coisa possa tomar a palavra.*" Porém, ainda assim, haveria de ter no lugar do analista alguém que sustentasse a escuta, notariasse a fala para finalmente devolvê-la, com a dupla satisfação de tê-la reconhecido e de fazê-lo (o paciente) reconhecer como verdade.

O que Lacan faz constar é sua crítica ao movimento contraproducente pelo qual o inconsciente perdeu sua dignidade e o trabalho analítico, mesmo depois de toda a preocupação com a transmissão e o rigor teórico incansável de Freud, retrocede à banalidade do caráter de sugestão. Pois, embora Lacan seja acusado de tratar o eu como uma coisa, ele insiste reiteradamente de que as coisas precisam falar, que se façam falantes; as coisas, assim como os analisantes, não podem ser tomados como objetos sobre os quais se detenha um saber prévio.

Que não há verdade que não seja falada, que não há fala senão de linguagem. Que não há linguagem que não despedace, que não acidente o fazer do analista, que não desmorone suas certezas objetivantes, que não traga à cena sua própria divisão, que não engendre o não saber, e por consequência, a escuta, na especificidade que ela adquire nos termos que lhe são próprios.

A escuta analítica sustenta sua ação na articulação com a verdade. Tratar da verdade freudiana é tratar de reconhecer o estatuto do inconsciente, e com isso "retomar nossa análise dos modos pelos quais a fala pode resgatar a dívida que engendra." (Lacan, 1998, p. 436) Assim, no sentido de retorno ao sentido de Freud, Lacan convocou diretamente os analistas a se contraporem ao exercício de poder e coerção pelo qual enveredara a prática analítica.

Em minha leitura, as questões que sustentam o eixo principal desse texto são localizadas nesse trecho:

> “Haveremos nós de tirar o corpo fora do jogo simbólico por cujo meio o erro real paga o preço da tentação imaginária? Haveremos de desviar nosso estudo do que acontece com a lei e com o imperativo, se, por este ter-lhe sido apresentado na impostura, foi recusado em seu foro íntimo antes de ser discernido? – ou seja, haveremos nós de desviá-lo das molas que, na malha rompida da cadeia simbólica, fazem emergir do imaginário a figura obscena e feroz em que há de ver a verdadeira significação do supereu?” (Lacan, 1998, p. 435)

A verdade em Freud é que o verdadeiro não é colonizável, adaptável, não responde aos anseios do técnico-clínico das resistências que rechaça o que surge da boca de seus analisantes; também não é manejável aos ideais do bem e do belo.

O mito de Édipo Rei é a expressão mais eloquente do caráter trágico da verdade, de sua peregrinação para fugir do destino proferido pelo oráculo, que não o impede de encontrá-lo logo mais a frente, cujo um trecho parece retratá-lo precisamente:

> “Mas nem por isso tornastes obsoletos ou sem prazo vossos débitos para comigo. É de após ontem e antes de amanhã que eles são datados. E pouco importa que vos principiteis adiante para honrá-los ou para vos furtardes deles, porque é por trás que eles vos pegarão em ambos os casos. Quer fujais de mim no embuste, quer penseis apanhar-me no erro, junto-me a vós no equívoco contra o qual não tendes refúgio. Ali onde a fala mais cautelosa exibe um ligeiro tropeço, é para com a sua perfídia que ela falta, divulgo-o agora, e daqui em diante não será nada fácil agir como se nada houvesse, em boa ou má companhia. Mas não há por que vos fatigardes em vigiar-me melhor. Mesmo que as jurisdições conjuntas da polidez e da política decretassem inaceitável tudo o que se valesse de mim para se apresentar de maneira tão ilícita , não vos desobrigaríeis por tão pouco, pois a intenção mais inocente fica desconcertada ao não mais poder calar que seus atos falhos são os mais bem sucedidos e que seu fracasso premia seu mais secreto anseio.” (Lacan, 1998, p. 411)

Para terminarmos, podemos dizer que a verdade e a coisa são os contrapontos apresentados por Lacan como alternativa à pregnância imaginária,

como saídas desse lugar totalizante e totalitário, para o qual a psicanálise se encaminhara. A escuta analítica pressupõe o reconhecimento da alteridade, chancelando que “tu és outro”, e assim colocando em jogo a divisão constituinte também do analista. Se tu és esse, quer dizer que tu és outro, outro-além de mim.

Interessante pensarmos que foi sob a égide da personalidade total, noção cara a outros campos do conhecimento, que a psicanálise sofreu os mais contundentes ataques. E nesse caso, com toda razão, pois do que trata aqui é de outra coisa. “É que a verdade revela-se complexa por essência, humilde em seus préstimos e estranha à realidade, insubmissa à escolha do sexo, aparentada com a morte e, pensando bem, basicamente desumana.” (Lacan, 1998, p. 437)

E uma vez que a formação é contínua e o compromisso que nos habita se faz eterno enquanto dure, posto que é *causa*, o que temos feito nós, na função de analistas, com o testamento em forma de um legado, deixado por Sigmund Freud?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionário Oxford Languages. Disponível em https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/. Acessado em 12 de junho de 2023.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

---

[1] “A dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religioso ou étnica” (Oxford languages, 2023).

[2] “o que se refere à ordem reformada de Santo Agostinho ou à de São Francisco.” (Oxford languages, 2023).